



VICTOR HUGO: GÊNIO E GENIALIDADE

Victor Hugor: Génie et Génie

Dennys Silva-Reis¹

RESUMO: A noção de gênio está intimamente vinculada com o “mistério” que envolve a criação artística, pois, dentre muitas definições, ela pode ser concebida como a força criadora e, por vezes, extraordinária do artista. Muitos são os exemplos nas artes francesas e, especialmente, na Literatura. Entretanto, talvez, um dos maiores gênios da literatura seja Victor Hugo, tendo sido designado por Charles Baudelaire como “um gênio sem fronteiras”. O autor de *Les Misérables*, tendo consciência ou não de seu papel como gênio, escreve sobre o assunto a fim de definir o que é ser/ter um gênio artístico-literário. Sendo assim, neste trabalho visamos expor as principais ideias de Victor Hugo sobre genialidade. Além disso, pretendemos também mostrar por que alguns literatos o veem como símbolo de genialidade e como delinham a genialidade hugoana. Isto posto, consideraremos como a discussão da genialidade em literatura não pode ser desenvolvida sem mencionar ou mesmo ter por espelho Victor Hugo.

Palavras-chave: Victor Hugo; Gênio; Literatura; Charles Baudelaire.

RESUMÉ: La notion de génie est étroitement liée au « mystère » qui entoure la création artistique, car, parmi de nombreuses définitions, elle peut être conçue comme la force créatrice et parfois extraordinaire de l'artiste. Les exemples sont nombreux dans les arts français et, surtout, dans la littérature. Cependant, l'un des plus grands génies de la littérature est peut-être Victor Hugo, décrit par Charles Baudelaire comme « un génie sans frontières ». L'auteur de *Les Misérables*, conscient ou non de son rôle de génie, écrit sur le sujet afin de définir ce que signifie être/avoir un génie artistique et littéraire. C'est pourquoi, dans ce texte, nous souhaitons présenter les principales idées de Victor Hugo sur le génie. En outre, nous avons également l'intention de montrer pourquoi certains auteurs le voient comme un symbole du génie et comment ils décrivent le génie hugolien. Cela dit, nous verrons comment la discussion sur le génie en littérature ne peut être développée sans mentionner ou même utiliser Victor Hugo comme exemple.

Mots-clés: Victor Hugo; Génie; Littérature; Charles Baudelaire.

Introdução

Desde as tradições antigas e com diferentes nomes o gênio acompanha a espécie humana como duplo, demônio, anjo guardião, conselheiro, intuição ou voz suprarracional da consciência. Por vezes, gênio simboliza um segmento de luz que escapa a todo controle e gera a convicção mais íntima e forte, ou seja, uma imanência física ou moral, o ser espiritual (Chevalier; Gheerbrant, 1988). Em termos de literatura, o gênio designa a força criadora do escritor ou do artista (sobretudo quando esta é extraordinária) ou então o artista dotado desta pujança.

¹ Doutorado em Literatura. Universidade Federal do Acre. reisdennys@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6316-9802>



Na literatura francesa, a noção de gênio surge no século XVI com Du Bellay no sentido etimológico latino: *genius*, anjo guardião em oposição a *daimon*, deus pessoal. No mesmo século, Boileau orienta os escritores a buscarem o conhecimento de seu gênio no sentido etimológico do termo – complexidade oriunda do espírito – a fim de não se perder no caminho de literato.

Com o iluminismo, o conceito de gênio se modifica ao longo dos séculos XVII e XVIII. No início do século XVII, especialmente com Jean- Baptiste Dubos (1670-1742), o gênio é considerado como um tipo de temperamento em que a atenção, a razão e a imaginação se entrelaçam dando maior viabilidade à agilidade de pensamento (Diaz, 2012). Na fase dos enciclopedistas (1750-1775), o gênio aparece como uma energia inventiva dada pela natureza a homens sensíveis e, já no período pré-romântico (1775 em diante), este é considerado como um ser excepcional tanto por seus dons de criação como por seus males daí oriundos; bem como pela incompreensão por seus contemporâneos (Dobránszky, 1992). Será desta época discussões quanto a gênio/espírito, gosto/talento, criador/criatura.

Entretanto, será no romantismo francês que o conceito de gênio ganha cunho ideológico humanitário, sendo projetado como a responsabilidade social do poeta e dentre um dos mais célebres defensores desta causa está Victor Hugo. Logo, o presente trabalho se ocupa em discutir o conceito de gênio e genialidade em Victor Hugo e igualmente Victor Hugo enquanto gênio. Com esse intuito, nos detemos em textos de Hugo para poder expor esses conceitos e mostrar a prática da genialidade.

Gênio e genialidade para Hugo

Numa pesquisa de corpora pela palavra gênio na obra de Victor Hugo, verifica-se que esta é mais recorrente do que se imagina. Hugo tem textos dissertando sobre o assunto (*Du génie, Le goût, Les génies appartenant au peuple, Promontorium somnii. Préface de mes oeuvres et post-scriptum de ma vie, Les traducteurs, William Shakespeare*, dentre outros) assim como poesias (*Conduite de l'homme vis-à-vis des génies, Le génie* etc.) e mesmo uma peça de teatro (Ruy Blas).

Ruy Blas personagem principal da peça homônima de Victor Hugo é o exemplo clássico, segundo Hugo, do que é ser gênio. Ruy Blas representa o povo francês do século XIX que mesmo dotado de inteligência ainda era incompreendido por seus contemporâneos, mas seguia seu coração e suas predeterminações do gênio, ou da genialidade (Hugo, 1997).



No poema *Le génie* que faz parte de *Ode et ballades*, Hugo faz uma homenagem a Chateaubriand:

[...]
Chateaubriand, je t'en atteste,
Toi, qui, déplacé parmi nous,
Reçus du ciel le don funeste
Que blesse notre orgueil jaloux;
Quand ton nom doit survivre aux âges,
Que t'importe, avec ses outrages,
A toi, géant, un peuple nain?
Tout doit un tribut au génie.
Eux, ils n'ont que la calomnie:
Le serpent n'a que son venin²
[...]

Que l'envie, aux pervers unie,
Te poursuive de ses clameurs,
Ton noble essor, fils du Génie,
T'enlève à ces vaines rumeurs.
Tel oiseau du cap des tempêtes
Voit les nuages sur nos têtes
Rouler leurs flots séditieux;
Pour lui, loin des bruits de la terre,
Bercé par son vol solitaire,
Il va s'endormir dans les cieus!³
(Hugo, 1985a, p. 217-19)

Percebe-se no poema que Chateaubriand era o exemplo de gênio para Hugo. A genialidade chateaubriana era exemplo para os outros e tinha elo com o Gênio maior encontrado no céu, Deus.

L'âne é outro poema hugoano em que um burro paciente (supostamente aquele que carregou Jesus) relata as burradas do ser humano. Na parte intitulada *Conduite de l'homme vis-à-vis des génies* é narrado o quanto os homens não entendem os gênios e como estes sofrem por isso. O poema menciona inúmeras figuras importantes como filósofos, cientistas, literatos e o próprio Jesus Cristo; e os compara com descobridores ou pessoas populares na história por

² Chateaubriand, eu te atesto isso, / Você, que, deslocado entre nós, / Recebeu do céu o dom funesto / Que machuca nosso orgulho ciumento; / Quando seu nome deve sobreviver ao longo dos tempos, / O que isso importa para você, com seus ultrajes, / A ti, gigante, um povo anão? / Tudo deve um tributo ao gênio. / Eles só têm calúnias: / A cobra apenas tem seu veneno (tradução nossa).

³ Que a inveja, unida aos perversos, / Persiga você com seus clamores, / Sua nobre ascensão, filho do Gênio, / te eleva a estes rumores vãos. / Como um pássaro no cabo das tempestades / Vê as nuvens sobre nossas cabeças / Rolar suas ondas sediciosas; / Para ele, longe dos sons da terra, / Embalado pelo seu voo solitário, / Ele vai adormecer nos céus! (tradução nossa).



terem vulgarizado o conhecimento, as ideias e as filosofias dos gênios. Nas palavras de Hugo, eis o que a humanidade faz com os gênios:

[...]
Mais quand le penseur, vaste et noir missionnaire,
Arrive du pays du rêve et du tonnerre,
Et revient du mystère où planent les esprits,
Rapportant, aussi lui, ce qu'à l'ombre il a pris,
Farouche, et dans sa main, de rayons inondés,
Tenant le fait chimère ou bien le monstre idée,
Déployant la splendeur d'un progrès factieux,
Quelque nouveauté sainte ayant l'odeur des cieux
Qui va faire, profonde et pure découverte,
L'homme heureux, et l'envie, hélas, encor plus verte ;
Offrant la douleur morte ou l'espace annulé ;
Montrant des visions la formidable clé ;
Malheur à ce trouveur et malheur à ce mage⁴ !

[...]
Dès qu'un flambeau paraît, l'homme crie : Au secours !
Qui l'éclaire ou le sert l'irrite ; le génie
Est une infraction sévèrement punie ;
Toujours vous proscrivez le grand homme fatal,
Sauf à lui dédier plus tard un piédestal ;
Vos bienfaiteurs, penseurs et sages, ont beau dire :
— Cherchons et triomphons ! l'infini nous attire ;
Dans l'océan Progrès il n'est point de cap Non ! —
L'homme réplique : exil, ciguë et cabanon ;
Et l'histoire en est pleine, et tous ces Hérodotes
Content sous divers noms ces douces anecdotes⁵.

(Hugo, 1985b, 1066-67)

Incompreendidos ou não, o fato é que o gênio não é um simples homem comum, mas um ser pensante, criativo, progressista e de alguma forma servidor da humanidade. Talvez, ele até

⁴ Mas quando o pensador, vasto e obscuro missionário,/ Chega da terra dos sonhos e do trovão,/ E retorna do mistério onde os espíritos pairam, / Relatando também o que ele tomou na sombra, / Feroz, e em sua mão, inundado de raios,/ Mantendo o fato quimera ou a ideia monstro,/ Exibindo o esplendor do progresso faccioso,/ Alguma novidade sagrada com cheiro de céu/ Quem fará, descoberta profunda e pura,/ O homem feliz, e o desejo, infelizmente, ainda mais verde;/ Oferecer dor mortal ou espaço vazio;/ Mostrando visões a chave formidável;/ Infelicidade a este descobridor e infelicidade a este mago! (tradução nossa).

⁵ Assim que uma tocha aparece, o homem grita: Socorro!/ Quem o esclarece ou o serve o irrita; o gênio/ É uma infração severamente punida;/ Você sempre proscreeve o grande homem fatal,/ A menos que mais tarde lhe dediquemos um pedestal;/ Seus benfeitores, pensadores e sábios podem dizer:/ — Busquemos e triunfemos! o infinito nos atrai;/ No oceano do Progresso não há cabo Não! / — O homem responde: exílio, cicuta e cabana;/ E a história está cheia deles, e todos esses Heródotos/ Contam sob vários nomes essas doces anedotas.



espere ser honrado como bem menciona Hugo em seu poema, mas seu legado é sempre reconhecido mesmo que tardiamente.

No texto *Du génie*, Hugo relata qual a maior prova da existência do gênio: o livro. É por meio dele que constatamos que o pensamento dos gênios é difundido e que se é capaz de mudar ou ao menos sensibilizar o leitor. Neste mesmo texto, é constatado que os gênios são sinais de luz, luz divina, Deus. Sendo sinais de Deus, os gênios são profetas do progresso, criadores de utopias, seres divinos e, ao mesmo tempo, humanos; e igualmente destinados as provas do sofrimento carnal e da morte:

L'éclair de l'immense, quelque chose qui resplendit, et qui est brusquement surhumain, voilà le génie. De certains coups d'aile suprêmes. Vous tenez le livre, vous T'avez sous les yeux, tout à coup il semble que la page se déchire du haut en bas comme le voile du temple. Par ce trou, l'infini apparaît. Une strophe suffit, un vers suffit, un mot suffit⁶.

[...]

Ils ont sur la face une pâle sueur de lumière. L'âme leur sort par les pores. Quelle âme ? Dieu.

Remplis qu'ils sont de ce jour divin, par moments missionnaires de civilisation, prophètes de progrès, ils entr'ouvrent leur cœur, et ils répandent une vaste clarté humaine ; cette clarté est de la parole, car le Verbe, c'est le jour⁷.

[...]

Ils laissent l'humanité derrière eux. Voir les autres horizons, approfondir cette aventure qu'on appelle l'espace, faire une excursion dans l'inconnu, aller à la découverte du côté de l'idéal, il leur faut cela. Ils partent. Que leur fait l'azur ? que leur importe les ténèbres ? Ils s'en vont, ils tournent aux choses terrestres leur dos formidable, ils développent brusquement leur envergure démesurée, ils deviennent on ne sait quels monstres, spectres peut-être, peut-être archanges, -<t-ils s'enfoncent dans l'infini terrible, avec un immense bruit d'aigles envolés.

Puis tout à coup ils reparaissent. Les voici. Ils consolent et sourient. Ce sont des hommes⁸.

Ces apparitions et ces disparitions, ces départs et ces retours, ces occultations brusques et ces subites présences éblouissantes, le lecteur, absorbé, illuminé et aveuglé par le

⁶ O lampejo do imenso, algo que resplandece e que é bruscamente sobre-humano, eis o gênio. Supremos bateres de asas. Você segura o livro, você o tem sob os olhos, de repente, parece que a página se rasga de cima a baixo como o véu do templo. Por essa fenda, aparece o infinito. Basta uma estrofe, basta um verso, basta uma palavra (Hugo, Reis, 2015, p. 343).

⁷ Eles têm sobre suas faces um pálido suor de luz. A alma sai deles pelos poros. Que alma? Deus.

Preenchidos como são desta luz divina, por momentos missionários de civilização, profetas do progresso, eles entreabrem seu coração e propagam uma vasta claridade humana; esta claridade é a da palavra, pois o Verbo é a luz. (Hugo, Reis, 2015, p. 344).

⁸ Deixam a humanidade atrás de si. Ver outros horizontes, aprofundar esta aventura que se chama espaço, fazer uma excursão no desconhecido, ir à descoberta do lado ideal, precisam fazer isso. Eles vão. O que lhes faz o azul? O que lhes importam as trevas? Eles se vão, viram as costas formidáveis para as coisas terrestres, desdobram bruscamente sua envergadura desmesurada, tornam-se não se sabe quais monstros, espectros talvez, talvez arcanjos e afundam-se no terrível infinito, como um imenso estampido de águias voando.

Logo, de repente, reaparecem. Estão aqui. Consolam e sorriem. São homens. (Hugo, Reis, 2015, p. 344).



livre, les sent plus qu'il ne les voit. Il est au pouvoir d'un poète, possession troublante, fréquentation presque magique et démoniaque, il a vaguement conscience du va-et-vient énorme de ce génie ; il le sent tantôt loin, tantôt près de lui ; et ces alternatives, qui font successivement pour lui lecteur l'obscurité et la lumière, se marquent dans son esprit par ces mots : — Je ne comprends plus. — Je comprends⁹.

[...]

— *Sont-ce vraiment des hommes, ces hommes-ci ?*¹⁰

(Hugo, 1985 c, p-560-62)

Em conformidade com o texto *Du génie*, em *Les génies appartenant au peuple*, o escritor francês ao mencionar que os gênios são homens vulneráveis fisicamente como qualquer outro, afirma também que este tem por objeto um dever para com seu povo, uma missão redentora regida pela virtude. A virtude aqui entendida como um forte ardor e apego ao belo e ao justo, à boa intenção e à vivência social engajada. Hugo declara que o gênio é dotado de uma consciência humana imensurável e que sua inquietude não é nem a favor ou contra alguém/ algo; mas sim para o bem comum de ambas as partes sejam elas quais forem. Além disso, ele é o único capaz de fazer de uma situação de horror, um momento de serenidade e beleza relacionando-a ao que Hugo qualifica como sentimentos geniais por excelência: a piedade, a compaixão, a solidariedade, o amor.

O gênio como progressista é o arquiteto de ideais para uma melhor sociedade, a manifestação de Deus, segundo o poeta de Besançon, e um civilizador de convicções, ideologias e princípios, isto, é um funcionário da civilização. Hugo assegura também que o gênio é aquele em que o “eu pessoal” dá lugar ao “eu coletivo”, ele é a soma de todos os humanos de uma época, um possível resumo do gênero humano em determinado período, seu objetivo é ser um junto com seu povo, pois a existência do gênio denota também o sinal de que sempre há questões a serem resolvidas entre os homens, em sociedade. Eis as assertivas de Hugo em suas próprias palavras:

La gloire n'est pas plus le but vrai du poète que le bonheur n'est le but vrai de l'homme. L'un et l'autre n'ont qu'un but, la fonction accomplie, c'est-à-dire le devoir.

Pour le poète comme pour le philosophe, fonction accomplie signifie mission remplie.

⁹ Estas aparições e estas desapareções, estas partidas e estas voltas, estas ocultações bruscas e estas súbitas presenças fascinantes, o leitor, absorvido, iluminado e cegado pelo livro, sente-as mais do que as vê. Está no poder de um poeta, possessão perturbadora, a frequentação quase mágica e demoníaca, ele tem vagamente consciência do vai-e-vem enorme deste gênio; ele o sente ora longe, ora perto de si; e essas alternâncias, que trazem sucessivamente para ele leitor a escuridão e a luz, se marcam no seu espírito por estas palavras: – Eu não entendo mais. – Eu entendo. (Hugo, Reis, 2015, p. 344 - 345).

¹⁰ — *Estes homens são homens de verdade?* (Hugo, Reis, 2015, p. 345).



Sur cette terre la fonction est donnée à tous, la mission à quelques-uns¹¹.

Les esprits secondaires se satisfont de la fonction. Philosophes, ils se laissent « aller doucement à la bonne loi naturelle ». Poètes, ils chantent comme l’oiseau. Les esprits de premier ordre ont de plus grandes affaires¹². [...]

Pour l’homme de génie, il faut quelque chose de plus, car il est homme, plus génie. Pour lui, la fonction doit être héroïque. Elle doit se faire mission. Elle doit être dirigée par la vertu¹³. [...]

S’il se relevait indifférent, quelle épouvante pour la conscience humaine ! Quoi ! dans cette intelligence plus grande que les autres, il n’y a rien ! Quoi ! cette âme géante est une âme neutre ! Quoi ! cela lui est égal ! Quoi ! ce colosse de vie intérieure n’a point de chaleur externe ! Il sait plus, et il sent moins ! Quoi ! on pleure, on saigne et on râle, et il ne prend parti ni pour ni contre ! Quoi, de toutes ces douleurs, de tous ces crimes, de tous ces sacrilèges, de toutes ces lamentations, de toutes ces iniquités, de toutes ces ignominies, de toutes ces détresses, de toutes ces énigmes, de tous ces sanglots, cet esprit extrait un sourire ! il compose d’horreur sa sérénité¹⁴. [...]

Non, le grand plaignant, le genre humain, ne crie pas en vain : justice ! du côté des penseurs. Penser est une générosité. Les penseurs regardent autour d’eux ; on souffre ; un surcroît de force leur vient de cet excès de misère ; ils voient, dans ce crépuscule que nous nommons la civilisation, tous ces noirs groupes désespérés ; les penseurs songent ; et les gémissements, les angoisses, les fatalités entrevues en même temps que les douleurs touchées, les tyrannies, les passions, les esclavages, les deuils, les peines, font poindre dans leur esprit ce sublime commencement du génie, la pitié¹⁵.

[...] On doit haïr le mal dans les idées, et aimer le bien dans les personnes. Inépuisable compassion, tel est le fond du génie. Malheur à ceux qui n’ont pas cette grande flamme intérieure ! Ils sont de la lumière froide. Ils ne seront jamais que les seconds¹⁶. [...]

¹¹ A glória não é o verdadeiro objetivo do poeta, assim como a felicidade não é o verdadeiro objetivo do homem. Ambos têm apenas um objetivo, a função cumprida, ou seja, o dever.

Para o poeta, assim como para o filósofo, função terminada significa missão cumprida.

Nesta terra a função é dada a todos, a missão a poucos (tradução nossa).

¹² Os espíritos secundários estão satisfeitos com a função. Filósofos, eles se deixaram “levar suavemente à boa lei natural”. Poetas cantam como pássaros. Mentas de primeira linha têm negócios maiores (tradução nossa).

¹³ Para o homem de gênio, algo mais é necessário, pois ele é um homem, mais gênio. Para ele, a função deve ser heróica. Ela deve assumir uma missão. Deve ser guiado pela virtude (tradução nossa).

¹⁴ Se ele ressuscitasse indiferente, que terror para a consciência humana! O quê! nesta inteligência maior que as outras, não há nada! O quê! Esta alma gigante é uma alma neutra! O quê! ele não se importa! O quê! esse colosso de vida interior não tem calor exterior! Ele sabe mais e sente menos! O quê! nós choramos, sangramos e reclamamos, e ele não toma partido nem a favor nem contra! O quê, de todas essas dores, de todos esses crimes, de todos esses sacrilégios, de todas essas lamentações, de todas essas iniquidades, de todas essas ignomínias, de todas essas angústias, de todos esses enigmas, de todos esses soluços, esse espírito extrai um sorriso! ele compõe sua serenidade com horror (tradução nossa).

¹⁵ Não, a grande reclamante, a humanidade, não clama em vão: justiça! do lado dos pensadores. Pensar é generosidade. Os pensadores olham ao redor; nós sofremos; um aumento de força vem a eles desse excesso de miséria; eles veem, neste crepúsculo que chamamos de civilização, todos esses grupos negros desesperados; pensadores pensam; e os gemidos, as angústias, as fatalidades vislumbradas ao mesmo tempo que as dores tocadas, as tiranias, as paixões, as escravidões, os lutos, as dores, fazem despontar em suas mentes esse sublime começo de gênio, de piedade (tradução nossa).

¹⁶ [...] Devemos odiar o mal nas ideias e amar o bem nas pessoas. Compaixão inesgotável, tamanha é a profundidade do gênio. Infeliz aqueles que não possuem esta grande chama interior! Eles são luz fria. Eles nunca serão nada além de segundos (tradução nossa).



Insistons-y, car ceci est la loi, ce qui fait en art les chefs-d'œuvre absolus, c'est dans l'homme de génie la volonté du beau compliqué de la volonté du vrai ; ces deux volontés s'aidant et se surveillant. Cette double intuition de l'idéal, à la fois céleste et terrestre, sert le progrès par le rayonnement, civilise l'homme en manifestant Dieu, amende le relatif par sa confrontation avec l'absolu, élève la lumière à la splendeur et crée les suprêmes merveilles¹⁷.

[...]ils ont un moi incorruptible, parce qu'il est impersonnel. Leur moi, désintéressé d'eux-mêmes, indicateur perpétuel de sacrifice et de dévouement, les déborde et se répand autour d'eux. Le moi des grandes âmes tend toujours à se faire collectif. [...]

Le moi, nettoyé d'égoïsme, voilà le bon intérieur de l'homme. Ce moi-là donne deux conseils : Être, et devenir utile.[...]

Les génies ont pitié. C'est pour cela qu'ils sont les génies. Ils sont les grands frères. [...]

Un génie est un fonctionnaire de civilisation¹⁸. [...]

Le progrès, étant loi, arrive toujours. Seulement, sans les génies, il suit la progression arithmétique ; avec les génies, il suit la progression géométrique. Le génie a ce don de toujours multiplier toute la somme humaine par elle-même. Les génies, nous l'avons fait remarquer, résumant le genre humain à un instant donné, et l'ayant tout entier en eux, ils l'emploient, comme force, à son propre progrès. Prenez chacun des esprits que nous avons indiqués au livre II, et examinez-le en lui-même. Qu'est-ce que cet esprit ? un total de l'humanité¹⁹. [...]

Nous l'avons dit, et il faut le dire, le but, c'est le peuple.

Le but, c'est l'homme. [...]

But de la civilisation : que l'homme soit peuple, et que le peuple soit homme.

Le passage des génies parmi les hommes indique manifestement des difficultés à résoudre²⁰. [...]

(Hugo, 1985 d, p. 588-94)

¹⁷ Insistamos nisso, porque essa é a lei, o que faz na arte as obras-primas absolutas, é no homem de gênio a vontade do belo complicada pela vontade da verdade; essas duas vontades ajudando e cuidando uma da outra. Essa dupla intuição do ideal, tanto celeste quanto terrestre, serve ao progresso por meio da radiação, civiliza o homem ao manifestar Deus, emenda o relativo por meio de seu confronto com o absoluto, eleva a luz ao esplendor e cria as maravilhas supremas (tradução nossa).

¹⁸ [...] eles têm um eu incorruptível, porque é impessoal. Seu ego altruísta, um indicador perpétuo de sacrifício e devoção, os transborda e se espalha ao redor deles. O ego das grandes almas sempre tende a se tornar coletivo. [...]

O eu, purificado do egoísmo, é o bom interior do homem. Este eu dá dois conselhos: ser e tornar-se útil.[...]

Os gênios têm pena. É por isso que eles são gênios. Eles são os irmãos mais velhos. [...]

Um gênio é um servidor público da civilização. [...] (tradução nossa).

¹⁹ O progresso, sendo lei, sempre chega. Só que, sem os gênios, ele segue a progressão aritmética; com os gênios, ele segue a progressão geométrica. O gênio tem esse dom de sempre multiplicar por si mesmo toda a soma humana. Os gênios, como observamos, resumem a raça humana em um dado momento e, tendo-a inteiramente dentro de si, usam-na, como uma força, para seu próprio progresso. Tome cada um dos espíritos que indicamos no Livro II e examine-o em si mesmo. O que é esse espírito? um total da humanidade (tradução nossa).

²⁰ Já dissemos e é preciso dizer: o objetivo é o povo.

O objetivo é o homem. [...]

O objetivo da civilização: que o homem seja povo e que o povo seja homem.

A passagem dos gênios entre os homens indica claramente dificuldades a serem resolvidas (tradução nossa).



Já em seu texto *Le goût*, Hugo coloca o gênio como aquele que sente o impossível e se deixar convencer por isso. O escritor francês relata que o gênio é sempre um outro, uma imitação melhorada de um gênio anterior. Por exemplo, segundo Hugo, Dante copia Homero, Shakespeare copia Dante, entretanto cada um tem sua genialidade, pois esta é datada e regida pelo gosto. Gosto entendido aqui como uma ordem, um dever, um impulso, um freio, o perpétuo conselho e orientação que o gênio dá a ele mesmo como primeira manifestação de sua missão. O gosto, ou melhor, a vontade é o que caracteriza um gênio. Em termos literários, Hugo afirma que imagem e ideia andam juntas, uma é a forma e a outra o fundo; uma, o exterior; a outra, o interior e que a maestria das duas em conjunto é o grande método ou técnica dos gênios, visto que eles são “omnifaculdados”, ou seja, possuem todas as faculdades mentais.

Por fim, em *Le goût*, Hugo cita quem são para ele verdadeiros gênios: Shakespeare, Molière, Corneille, Michelangelo, Dante, Tácito, Plauto, Aristófanos, Demostenes, Píndaro, Isaías, Esquilo, Homero, Jó, Ezequiel, Lucrécio, Juvenal, Paul, Rabelais, Cervantes (Vale lembrar que esta lista varia e chega a 51 nomes, visto que Hugo em vários textos vai mencionando quem são os gênios em sua opinião). Todavia, o interessante é notar que dentre estes escolhidos, Hugo menciona graus de gênios, classificando-os em mais elevados cimos e os que são somente cimos. Tal classificação Hugoana vai culminar no texto *Les génies* do livro II que compõe a obra intitulada *William Shakespeare* em que Hugo dedica um texto a cada gênio dizendo a razão de ser considerado como tal.

A fim de não se alongar demasiadamente na reflexão do que é ser gênio para Hugo, um último texto cabe aqui ainda ser mencionado: *Préface de mes oeuvres et Post-scriptum de ma vie*. Neste prefácio, Hugo define os três horizontes ou regras no reconhecimento de um gênio: a observação, a imaginação e a intuição. A observação, ligada à humanidade, faz do gênio um filósofo e legislador. A imaginação, relacionada a natureza, torna o gênio um mago, um criador. E a intuição, elo do sobrenatural, revela o gênio como um profeta, um apóstolo. Tal triangulação simboliza também a inteligência, o poder e o amor, faculdades indiscutíveis de um gênio que ao mesmo tempo que auxilia em sua missão, ajuda a corrigir as discrepâncias uma da outra e eleva o homem a ser verdadeiramente um gênio ou a alcançar a genialidade no seu espírito cúbico, tridimensional.



Victor Hugo como gênio

Inúmeras são as personalidades que nomeiam Hugo como gênio, sejam elas dos séculos anteriores ou na contemporaneidade. Para mencionamos apenas os mais conhecidos, na América Latina atual temos Mario Vargas Llosa que dedicou um de seus livros a Hugo. No Brasil, a começar do século XIX, encontramos Machado de Assis, Tobias Barreto e Gonçalves Dias que escreveram vários textos sobre Hugo e dedicaram também poemas ao gênio francês. Na França atual, temos Robert Badinter, ex-ministro da justiça que aboliu a pena de morte atualizando-se da retórica de Hugo sobre o assunto. Entretanto, para ficarmos somente em termos de Literatura Francesa e no século XIX, determo-nos em Charles Beaudelaire.

O poeta Charles Beaudelaire, em um de seus ensaios de crítica literária intitulado *Réflexions sur quelques-uns de mes Contemporains* dedica uma parte inteira a Victor Hugo. Ele começa elogiando a capacidade de Hugo como poeta. Poeta capaz de não falar somente de amor, mas também da realidade que está a sua volta, de uma França com grandes problemas sociais. Baudelaire compara Hugo a pintores que sabem pintar exatamente tudo deixando sua originalidade e dando um toque de beleza. O autor de *Flores do Mal* reconhece o quanto Hugo era importante à época para os novos fundamentos da literatura francesa no que tangia ao romantismo. Além dos enaltecimentos já mencionados, Baudelaire menciona Hugo como um dos grandes pilares para o desenvolvimento da língua francesa em termos linguísticos, mas também para o pensamento francês da época no que concerne aos problemas sociais como, por exemplo, patrimônio, miséria e pena de morte.

Ao mencionar Victor Hugo como gênio, Charles Baudelaire utiliza dois adjetivos: Gênio sem fronteiras e gênio monstruoso-prodígio. No primeiro caso, Baudelaire relata Hugo como um dos únicos franceses à época capaz de disseminar suas ideias universalmente – de fato, Hugo era lido e traduzido em muitos países quase que simultaneamente com suas publicações na França e mundo afora, mas também os temas por ele debatidos eram comuns aos povos onde os livros hugoanos desembarcavam. No segundo caso, Hugo foi um dos escritores que mais escreveu. Escrevendo exatamente sobre tudo, desde aquilo que era corrente a sua época até relatos proféticos do que viria ser a França e seu povo no futuro próximo e longínquo. Ao mesmo tempo que sua obra causa espanto a ponto de ser chamada de monstruosa por Baudelaire, ela também é prodigiosa por ter trazido e trazer ainda até recentemente resquícios da escrita profética de Hugo – por exemplo, na última eleição de 2012, na França, muitos dos candidatos à presidência se valeram das palavras do escritor oitocentista para propor



promessas ao futuro dos franceses comemorando, igualmente, os 150 anos da obra francesa mais lida no mundo *Os miseráveis*.

Conclusão

Há ainda inúmeros textos a serem explorados com mais detalhes sobre o tema da genialidade na obra do escritor Victor Hugo. Os que aqui foram mencionados são apenas uma pequena introdução ao tema, visto que o debate sobre genialidade e sobre gênio é um dos assuntos que mais permeiam o pensamento hugoano perpassando sua obra crítica, filosófica, dramática, romanesca e quiçá pictural. Esta última debatida por nós em trabalhos anteriores (Reis, 2019).

Embora o termo gênio seja associado ainda como artista criativo e inventivo, ele recebe outras adesões quando concebido na ideologia hugoana, somando assim as características de divino, profético e missionário. A genialidade para Hugo é acima de tudo o engajamento social por meio da arte literária com a finalidade da feitura de mundo melhor ou, ao menos, de um legado de utopia para a reflexão da posteridade pelo passado.

Se o gênio para Hugo é ser a soma de ideias e de um tempo em só homem; Hugo, certamente é um gênio rememorado toda vez que revisitamos o século XIX e suas reverberações no tempo atual.

Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dictionnaire des Symboles**: mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres. 8ª reimpressão. Paris: Robert Laffont/Jupiter. 1988.

DIAZ, José-Luis. "Génie". In: ARON, Paul; SAINT-JACQUES, Denis; VIALA, Alain. **Le dictionnaire du littéraire**. 2 ed. Paris: Quadrige/PUF, 2012.

DOBANSZKY, Enid Abreu. **No tear de palas**: imaginação e gênio no séc. XVIII – uma introdução. Campinas – SP: Papyrus, 1992.

HUGO, Victor. **Ruy Blas**. Paris: Folio théâtre, 1997.

HUGO, Victor ; REIS, Dennys S.. Du Génie/Do gênio. In : **(n.t.) Revista Literária em tradução**. N. Ano 6, n 11, 2º vol, dez 2015.

HUGO, Victor. **Oeuvres Complètes. Poésie I** : Premières publications, Odes e ballades, Les orientales, Les Feuilles d'automne, Les chants du crépuscule, Les Voix intérieures, Les Rayons et les ombres. Paris : Robert Laffont, 1985a.



HUGO, Victor. **Oeuvres Complètes. Poésie III** : L'Année terrible. La légende de siècles, nouvelle série. La légende des siècles, dernière série. L'art d'être grand-père. Le pape. L pitié suprême. Religions et religion. L'âne. Les quatre vents de l'esprit. Paris : Robert Laffont, 1985b.

HUGO, Victor. **Oeuvres Complètes. Critique** : Le préface de Cromwell. Littérature et philosophie mêlées. William Shakespeare. Proses philosophiques des années 60-65. Paris : Robert Laffont, 1985c.

REIS, Dennys da S.. **Victor Hugo: um tradutor interartístico no século XIX**. Tese. (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais). Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2019.